

SARGENTO GETÚLIO: LINGUAGEM E PODER

Wander Melo Miranda

O presente estudo, tendo em mira o texto **Sargento Getúlio** *, pretende ser uma tentativa de estabelecimento: a) da linguagem dos personagens Getúlio, Amaro e o Padre; b) da relação dos personagens através de suas respectivas linguagens e c) da linguagem como elemento mascarador/desmascarador da ideologia do dominador. Fique claro, de início, que ficam abandonadas as relações do texto de análise com a literatura de cordel nordestina, o que ultrapassaria de muito as possibilidades do nosso estudo, embora reconheçamos que uma abordagem que se queira abrangente não pode desprezar a relação intertextual acima mencionada, visto ser o cordel o «enformador» de procedimentos técnicos, estruturais e estilísticos de **Sargento Getúlio**.

Para Getúlio Santos Bezerra, falar e pensar se confundem na esfera da alienação, já que o seu discurso é voltado para si mesmo, não encontrando no Outro o receptor necessário para que suas indagações encontrem resposta ou eco. Suas ações seriam, desse modo, desligadas das palavras, não sendo aquelas de maneira alguma uma concretização do que é enunciado a priori (desejos apenas realizáveis/realizados no nível da palavra, como nos momentos em que pela passagem ao maravilhoso, Getúlio tenta fugir ao sufocamento e opressão da violenta realidade que o circunda). A palavra funcionaria como elemento inibidor /

* RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio, Artenova, 1975.

desinibidor na medida em que não temê-la, não assumi-la, desnudaria todo um procedimento e toda uma situação que ele, Getúlio, busca esconder, embora nesse disfarçar ele mais se revele.

Quem se mata não se conversa (. . .) Eu podia dizer, mas tive medo de conversar. Se quer fazer uma coisa, não converse. Se não quer converse. (S.G., p. 39)

Sua fala seria, então, do ponto de vista de si próprio um excesso de significante (um monólogo luxuriante e oco) ao qual corresponderia uma carência de significado (preenchido pelo leitor do texto).

Vosmecê me desculpe eu ficar prosando o tempo todo. É para não dormir. Não sei nem o que eu estou falando, ou o que estou pensando. Quando estou pensando estou falando, estou pensando, não sei direito. Vosmecê não precisa responder, apesar de que é falta de educação. (S.G., p. 31)

No seu desespero de comunicação, de estabelecer entendimento com o Outro e consigo Getúlio se frustra, seu aboio é oco e dirigido a bois de barro, seu chamado para agregar não encontra ressonância e se perde no nada.

Mas ninguém escuta, não tem boiada, o meu aboio é oco. Nunca fui vaqueiro. Mas mesmo assim solto um aboio bem alto e o dedo quase arranca a orelha e olho o chão e fico triste. (S.G., p. 40)

Sua vida se caracteriza como a da cidade de Laranjeira, da sua infância: silêncio, grade, morte. Teríamos o esquema:

aboio oco: laranja morta, moças murchas, («nem falam»), donde laranjeira: cidade (vida gradeada) :: Getúlio : narrativa (linguagem gradeada)

Assim, a narrativa fecha-se em si mesma, sendo Getúlio emissor e receptor de suas mensagens. Mas como o caju seco, as moças murchas e as prostitutas (cf. S.G., p. 34) vislumbreadas por Getúlio entre as grades e os paredões carcomidos de Laranjeira, nos desvãos da narrativa se sugere o espaço da ideologia do poder, por entre as palavras-grades, impostas, do monólogo de Getúlio (monólogo colocado sempre na confusa expectativa do **dizer**, como na denominação dada por Getúlio ao cão «Logo-eu-digo») ao leitor é dado construir o sentido da denúncia de uma sociedade imersa na ignorância, na opressão e na miséria.

A partir do momento em que Getúlio, habituado a obedecer, a não aceitar perguntas, pois as respostas incomodam (cf. S.G., p. 85), ao se distanciar do campo da reflexão e afundar na ação impensada e dirigida, se vê diante de uma outra realidade — dada pela contra-ordem de não levar o prisioneiro — diversa da anterior, que ele define com simplificações tais como udenistas=comunistas, todo um processo de desagregação se acelera. Cabe-lhe agora tentar montar, pela e na palavra, os seus pedaços que foram ficando ao longo de sua trajetória-vida. Ao mesmo tempo aproximação à realidade e distanciamento dela, a ação passa a ser paradoxalmente concretizada na fala, como se pode observar pelo esquema abaixo:

Cangaceiro (ação) : Dragão Manjaléu :: Getúlio : deputado (falar, não fazer)

Getúlio mitifica-se, e ao grito de acordar (cf. S.G., p. 103) disforme e confusamente percebido o **aboio eu**, do início, transforma-se no **aboio eu aboia tu** ambigüo, já que portador de esperança — possibilidade de mudança coletiva — e frustração (o aboio oco lançado ao boi de barro, ao vazio) (cf. S.G., ps. 112 a 115)

Como Getúlio, a fala de Amaro permanece apenas no âmbito do significante. Falar é, para Amaro, repetir o que ouviu, o que foi apreendido somente pelo **som** e/ou **lhe** foi dado receber passivamente. Amaro=soldado (cabeça de papelão, macarrão, mamão, camarão, capão, manjelão, cf. S.G., p. 46). Note-se que as variações e transformações acima se operam tendo em vista apenas

o aspecto musical das palavras, não lhe sendo, assim, aberta a via para o conhecimento do significado da linguagem que ele fala, ou melhor, que o fala.

Amaro gosta de palavras. Fica repetindo uma porção sozinho, feito maluco, acho que só para sentir o gosto. (S.G., p. 46/47)

(...) Perguntei a ele. Até o sol ipiaça, que vem a ser? Não sei, disse ele, aprendi assim (...) Perguntei o que vem a ser lascos de lubila, também não soube, parece mesmo que não gosta que eu pergunte. Acho despropósito cantar uma coisa que não se entende e disse isso a ele, mas ele não quer saber, lascos de lubila, lascos de lubila, nunca ouvi isso. (S.G., p. 47)

Pela citação acima torna-se evidente que o diálogo entre Amaro e Getúlio não é possível, devido à falta de um código comum que os una, ambos permanecendo fechados em seus mundos, em seus silêncios. O discurso Amaro- Getúlio é tautológico, vazio, onde a pergunta é igual à resposta, não bastando as inúmeras interpelações de Getúlio a Amaro, presentes em todo o desenrolar da narrativa — tentativas dolorosas e estéreis de impedir que a incomunicabilidade e a mudez instaladas entre os dois permaneçam.

O Padre de Aço da Cara Vermelha recebe Getúlio, Amaro e o prisioneiro (amordaçado: não falar) com um rifle à mão, abrindo-lhes a porta da igreja em nome de Deus. Assim, ele busca sob a proteção da palavra de Deus (código religioso) camuflar a violência de sua ação, o poder que ele exerce e o poder que se encontra acima dele. Interessante observar como o poder aparece escalonado no texto, conforme o seguinte esquema:

Poder Político
Poder Religioso (Padre)
Amaro e Getúlio
Prisioneiro

Escondendo-se sob a palavra de Deus o padre denota a impossibilidade de assumir sua linguagem, enquanto padre, por um lado, e enquanto vassalo/opressor, por outro. O latim («língua de padre», segundo Getúlio) das rezas que repetem é tão estranho a Getúlio e Amaro quanto ao padre: um código ininteligível, uma linguagem trapaceadora.

Como conclusão, parcial e insatisfatória, poderíamos assinalar a importância das falas dos personagens, pois nelas se encontra latente a ideologia do poder, que faz calar e inscreve os dominados no âmbito do silêncio e da grade.

Wander Melo Miranda é professor de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Letras da UFMG. É aluno do Curso de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da mesma Faculdade.